

A BUSCA PELO ENSINO DO ESPORTE DA ESCOLA EM MEIO ÀS MANIFESTAÇÕES DO FENÔMENO ESPORTIVO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

**THE QUEST FOR THE EDUCATION OF SCHOOL SPORTS EVENTS IN THE
MIDDLE OF THE PHENOMENON IN CONTEMPORARY SOCIETY**

Silvan Menezes dos Santos¹

Cristiano Mezzaroba²

RESUMO

Neste relato de trabalho monográfico concluído em julho/2011, trazemos discussões de uma observação participante em uma turma de 8º ano no CODAP/UFS, com o intuito de realizar uma proposta que fosse efetivada como possibilidade de pedagogização do esporte, a partir de uma experiência de prática de ensino realizada durante o Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física e que foi balizada por princípios das concepções pedagógicas críticas da Educação Física. Notou-se como os aspectos ligados ao discurso midiático, à técnica corporal vinculada ao esporte de rendimento e também à forte relação da temática “gênero” no contexto esportivo estão presentes e são importantes na formação dos sujeitos e na própria formação profissional dos futuros professores de Educação Física.

Palavras-chave: Pedagogia do esporte. Educação física escolar. Prática de ensino.

ABSTRACT

In this monograph report completed in July/2011, bring discussions of participant observation in a class of 8th graders in CODAP / UFS in order to make a proposal that was effected as a possibility for pedagogization the sport from an experience teaching practice conducted during the Supervised the degree course in Physical Education and was buoyed by the principles of critical pedagogical concepts of physical education. It was noted as aspects related to media discourse, the technical body linked to the sport of income and also the strong relationship between the theme "gender" in the sporting context are present and important in the formation of subjects and their own professional training of future teachers Physical Education.

Keywords: Pedagogy of sport. Physical education. Teaching practice.

¹ Mestrando em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, bam_menezes@hotmail.com.

² Mestre em Educação Física pela/Universidade Federal de Santa Catarina, professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno que tem ganhado muita força nos campos simbólico, político e econômico em todo o mundo. Tal manifestação, atrelada à espetacularização do fenômeno esportivo, tem provocado mudanças significativas no campo da Educação Física (EF).

São mudanças tanto no campo teórico e científico da área – no que diz respeito às teorias pedagógicas que propõem um caminho didático-pedagógico para a atuação na escola, além do esporte como objeto de estudo como um fenômeno social – e também alterações no âmbito prático da EF escolar, que acaba se posicionando no meio da linha tênue entre os diferentes interesses dos que a entendem como o *locus* da caça ao talento esportivo e dos que a compreendem como espaço para a formação de sujeitos.

O universo dos grandes espetáculos, como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol, Jogos Pan-Americanos (JPA), que ocorrem de quatro em quatro anos e atraem o olhar de toda a sociedade mundial (ou continental, no caso dos JPA), é o espaço e o enquadramento por onde circula todo o fenômeno social que se tornou o esporte. Aspectos políticos e econômicos que, com o passar do tempo, transcenderam os espaços dos eventos e transformaram o esporte numa mercadoria de consumo em massa. Fato que, conseqüentemente, contornou os muros das escolas e impregnou-se naquele componente curricular que tem o esporte como seu conteúdo, ou seja, a EF.

A partir de tal problemática, em meados da década de 1980 ao início dos anos 90, os estudiosos e pesquisadores³ da EF passaram a refletir sobre tal questão com maior vigor, já que o esporte era a prática contemplada e trabalhada na disciplina escolar até então. As reflexões resultaram em teorias e perspectivas educacionais divergentes, criando assim um confronto de ideias. Porém, essas ideias, as críticas e as sugestões de renovação do trato com o esporte na escola não foram e ainda não são, passados 20 anos da criação das concepções críticas, práticas verdadeiramente efetivadas – o que mostra, ainda, o distanciamento entre teoria e prática e entre universidade e escola. Toda a reflexão e a transformação pensadas para a prática docente com o conteúdo “esporte” da EF ficaram, por enquanto, numa mera “especulação” acadêmica, com raros episódios de efetiva concretização de propostas mais progressistas voltadas à pedagogização e à transformação do esporte na escola.

³ Bracht (1992), Soares *et al* (1992), Kunz (2000).

A EF atual encontra-se num momento em que algumas propostas críticas propõem formas didáticas e metodológicas a serem trabalhadas no esporte da escola, mas tudo ainda em uma abordagem teórica. Os trabalhos práticos efetivados e que se tornaram públicos⁴ para o campo da EF são muito escassos para a dimensão do fenômeno em questão. Sem contar a necessidade cada vez maior – considerando-se o contexto brasileiro, por sediar Copa do Mundo e as Olimpíadas logo mais – de esclarecer os sujeitos que estão em formação humana para viverem e conviverem com o fenômeno que cada vez mais cedo se apropria dos sujeitos, envolvendo-os em prol das intenções e das propostas mercadológicas do espetáculo esportivo.

Portanto, este é o relato de uma pesquisa que assumiu o caminho sobre a pedagogização do esporte na escola, no intuito de buscar possíveis percursos e estratégias para efetivar elementos da perspectiva crítica em relação ao esporte no ambiente escolar.

2 METODOLOGIA – TRILHA DA PESQUISA

Por se tratar de uma questão relacionada com circunstâncias sociais inseridas na realidade cotidiana das aulas de EF e configurada por representações sociais, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2008).

A pesquisa de campo foi do tipo descritiva com observação participante. Método de pesquisa que é destacado como parte essencial do trabalho com abordagem qualitativa por Minayo (2008), pois, segundo ela, permite a compreensão da realidade.

A escolha da escola pesquisada foi pensada de forma bem cautelosa, devido ao tipo do próprio trabalho que foi contemplado na instituição. Quando se trata de esporte, existe uma demanda muito grande com relação ao espaço, ao material de trabalho, vários fatores que foram analisados atentamente antes da definição do local.

A instituição de ensino escolhida foi o CODAP/UFS – Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Por estar dentro do próprio *campus* da universidade, a sua especificidade de estar à disposição da universidade para pesquisas e experiências científicas, também por ter sido o colégio no qual o pesquisador foi lotado como estagiário para a disciplina curricular *Estágio Supervisionado II* e por um motivo específico que permeia o conteúdo da pesquisa, que é o esporte, pelo fato de a escola possuir uma estrutura física e material, mesmo que mínima, para o trabalho com a prática esportiva.

⁴ A escassez é fundamentada em pesquisas nas tradicionais revistas eletrônicas da EF (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Movimento, Motrivivência e Pensar a Prática) e também em anais de eventos nacionais e regionais do CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte).

As aulas de EF eram todas as sextas-feiras, das 7h da manhã às 8h30min, ou seja, eram duas aulas juntas, geminadas. A turma possuía 31 alunos, sendo 17 meninas e 14 meninos, com idades entre 13 e 15 anos.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram seguidos alguns procedimentos importantes para a visualização de verdadeiras possibilidades pedagógicas no trato com o esporte na EF escolar – a construção de uma unidade didática de ensino como planejamento da sequência de intervenções nas aulas. Foi elaborada uma unidade com um cronograma de sete aulas, que foram aplicadas com uma turma de 8º ano, sendo todas as aulas relatadas em um diário de campo, inclusive e principalmente, as falas dos alunos durante as aulas e as conversas entre professor-pesquisador e alunos foram momentos relatados no diário e utilizados como dados da pesquisa.

Após a realização das aulas e a coleta de todos os diários de campo resultantes das intervenções, realizou-se a análise dos dados/resultados da pesquisa. Os principais elementos que forneceram conteúdos/dados para a discussão e a reflexão do trabalho foram exatamente as falas e as discussões realizadas pelos sujeitos da pesquisa: os alunos. Sujeitos da pesquisa que foram descritos e definidos na descrição dos dados por enumeração de 1 (um) a 31 (trinta e um).

A análise que foi realizada de acordo com os preceitos da *análise de conteúdo* (BARDIN, 2006). Na sequência de toda a descrição das intervenções realizadas no campo, foram organizados os dados dos fatos e das comunicações concernentes aos sujeitos da pesquisa durante as sete intervenções. Assim, surgiram termos/palavras-chave (unidades de registro) que apareceram no diário de campo com maior frequência e ênfase, principalmente por parte dos alunos, os quais tornamos em unidades de contexto, que foram delimitadas em eixos temáticos de discussão e, por fim, relacionados reflexivamente ao referencial teórico.

Assim, foram definidos três eixos de discussão devido à recorrência e à intensidade das temáticas presentes no diário de campo, sendo o primeiro eixo, *Mídia: suas estratégias e sua presença*, como o que mais enfaticamente apareceu nas falas dos sujeitos durante as intervenções; o segundo eixo, *A técnica esportiva x rendimento*, como um importante tema e que ocorreu principalmente nos momentos das intervenções práticas em quadra com os alunos; e, por último o eixo, *A monocultura esportiva promovendo o afastamento dos gêneros*, por ter sido uma temática que permeou todo o contexto das intervenções, tendo estado presente em diversos momentos de interação entre os próprios alunos.

3 RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES – CONSTATANDO POSSIBILIDADES!

Organizamos e apresentamos a ordem dos eixos temáticos considerando-se a frequência de falas dos alunos e a participação deles durante as aulas.

O eixo “*Mídia: suas estratégias e sua presença*” foi debatido a partir das teorias e das discussões principalmente de Pires (2002) e Betti (1998). O primeiro autor por tratar do conceito de “semiformação cultural”, e o segundo, sobre a “falação esportiva”, ambos relacionando o contexto dos alunos às manifestações do fenômeno esportivo contemporâneo, no caso, a mercadorização e a espetacularização do esporte.

Foram observadas e analisadas as relações dos sujeitos da pesquisa, durante as intervenções, com o esporte e com os objetos que compõem o fenômeno esportivo na atualidade. Destacou-se o forte vínculo dos alunos e sua prática com o que Betti (1998) nomeou de “telespetáculo esportivo”, que são os códigos e os símbolos do esporte veiculados pelos meios de comunicação sendo incorporados no discurso dos sujeitos, assim como o “ídolo esportivo” comentado por Mezzaroba e Pires (2010).

Inicialmente, foram propostos alguns temas que introduziram a unidade didática “esporte”, para que os alunos comentassem e apresentassem em sala o seu entendimento sobre tais temas, que foram: mercadorização, espetacularização, exclusão, fenômeno esportivo, entre outros. O destaque inicial na pesquisa é quando, ao tocar na temática mercadorização, os alunos associam a marca de produtos de higiene pessoal às figuras de Kaká e Cristiano Ronaldo, pois só os conheciam por causa das propagandas a que já tinham assistido. Os alunos referem-se, nesse caso, às propagandas que esses dois atletas fazem de produtos de higiene pessoal, da *Gillete* Prestobarba e da *Clean*, shampoo anticaspa, comerciais que exploraram a figura dos ídolos futebolísticos.

*Um exemplo é o basquete norte-americano com a construção das arenas e da transmissão televisiva como um show e não uma prática esportiva. (ALUNO 1).
Quando fala em Kaká e Cristiano Ronaldo, só lembro de Gillete e Clean Shampoo Anticaspa, que são as propagandas que eles fazem atualmente e passa o tempo todo na televisão. (ALUNA 2).*

Seriam as expressões “autônomas” dos alunos marcas do que Pires (2002) afirma como “falsificação do sonho emancipatório burguês” (p. 77).

[...] a formação cultural do capitalismo contemporâneo transmutou-se em semiformação, hipostasiando o potencial crítico da cultura. A sua integração ao

mundo instrumentalizado se faz pela adaptação a esses mecanismos, o que inclui a adesão incondicional às suas normas, códigos e valores. (PIRES, 2002, p. 77)

Afirmção a qual remeto à falação esportiva adotada pelos sujeitos da pesquisa com relação ao universo esportivo. Os alunos até se posicionavam e comentavam acerca do fenômeno esportivo, mas partindo muito de uma dada superficialidade e do senso comum muito visto no discurso midiático. Poderíamos dizer, então, que o limite da crítica dos sujeitos (jovens), quando emitem suas opiniões críticas em relação às características do fenômeno esportivo, não vai além daquilo que é criticado superficialmente pela mídia?

Talvez tal visão superficial possa advir muito da falta de maturidade reflexiva da idade, mas que muito provavelmente pela ausência da formação do olhar crítico para aquilo que é produzido exatamente para a construção das novas necessidades/demandas sociais. E está nesse aspecto da superficialidade do conhecimento que

[...] o malefício maior da semicultura não seria a deformação de subjetividade na produção de falsas carências que são satisfeitas pelas ofertas da indústria cultural, mas sim a obstrução da reflexão crítica e da capacidade de reconhecer os limites que lhe são impostos ‘pelo verniz formativo que não lhe permite ir além da superfície’ proporcionado pela semiformação cultural. (PUCCI *apud* PIRES, 2002, p. 79).

O que espelha bem essa afirmativa citada acima é o momento em que os sujeitos não detectaram a presença da mercadorização esportiva no próprio cotidiano e nas atitudes deles durante a participação na competição escolar, nesse momento, o próprio pesquisador é que teve de exemplificar e atentá-los para a presença da mercadorização.

[...] a mercadorização esteve fortemente representada no JECCA (Jogos Escolares Científicos e Culturais do Colégio Aplicação) pelas camisas das turmas que tinham nomes como: Não ‘perTUBE’, ‘Pumba’, Família C do Inter de Milão, etc., além da relação dos alunos com os árbitros durante as disputas que foi bem conturbada. (PESQUISADOR, ANEXO III)

Os uniformes das turmas, que os próprios alunos produziram e vestiam durante os jogos da escola, traziam marcas famosas de produtos esportivos comerciais (*Puma*), também de instituições esportivas (*Inter de Milão*) e de um conhecido *site* de divulgação de vídeos *online* (*YouTube*).

Nesse primeiro eixo e mais presentes nos achados da pesquisa, ressaltaram-se as mediações culturais (MARTIN-BARBERO, 2008) proporcionadas a partir do discurso midiático interferindo diretamente no discurso e na prática esportiva dos alunos, resultando no que Pires (2002) chamou de “mediação tecnológica como substituição da experiência

formativa” dos sujeitos. Os sujeitos abdicam do empirismo da cultura corporal de movimento para assisti-la sendo praticada por outro, dessa forma, incorpora, utiliza e naturaliza os produtos das marcas que são veiculadas e relacionadas ao evento esportivo na transmissão televisiva, o que Betti (1998) chama de *telespetáculo*.

Essa é mais uma estratégia publicitária da mídia esportiva, de aproximação e naturalização dos sujeitos com os produtos a serem comercializados, que se fortifica e ganha valor ao associar o discurso divulgador aos protagonistas do espetáculo esportivo. Sobre isso, podemos voltar a associar com o que os sujeitos da pesquisa relataram, ou seja, eles lembraram as figuras de Kaká e Cristiano Ronaldo, ambos relacionados com marcas de alguns produtos que foram veiculados em propagandas televisivas. É o que Mezzaroba e Pires (2010) em suas reflexões afirmam:

Articulando de maneira exemplar o gosto do público pelas atrações esportivas com os objetivos implícitos da inserção esportiva nas grades de programação ou mesmo nas pautas da imprensa, vemos que a mídia tem ajudado a construir identidades, sejam elas locais, regionais e até mesmo nacionais por meio do esporte, tendo na figura dos ídolos esportivos o ‘elemento principal’ para estabelecer seus objetivos. (p. 125).

Nesse caso, poderíamos incluir na citação acima até a identidade mundial, pois a figura do futebolista português Cristiano Ronaldo é apenas um único exemplo de inúmeros esportistas que propagandeiam os mais variados tipos e segmentos de produtos para todo o mundo, afinal, não há exemplo melhor deste mundo globalizado do que o esporte como elemento difusor de símbolos e significados e de gerador de publicidade, pois, sabemos, o esporte tem uma linguagem dita “universal”.

São criadas as demandas de consumir o quê? A figura do ídolo esportivo? O produto (objeto materializado e mesmo símbolo subjetivado) que é vinculado ao esportista comercialmente? A continuação permanente do consumo do espetáculo veiculado? Ou é o consumo da prática esportiva, no sentido mais empírico da cultura corporal de movimento?

Levando em conta o que Canan e Calegari (2006) discutem acerca das relações de oferta e demanda no campo esportivo, vale ressaltar que:

[...] parte-se da premissa que o sujeito apenas vai adquirir para si um capital esportivo, se for submetido a estímulos que o façam apropriar-se de tal capital. Se não vir qualquer espetáculo esportivo na televisão, se não for submetido a uma prática esportiva durante o período escolar, se não tiver contato com algum local de prática esportiva, entre outros infundáveis exemplos, o indivíduo não tem como adquirir para si um capital esportivo. (CANAN; CALEGARI, 2006, p. 38).

O esporte moderno em seu processo de mercadorização, que acabou por produzir esse “capital esportivo” comentado pelos autores citados acima. “Capital esportivo” que representa todo o universo comercial que circunda o fenômeno esportivo na sociedade. São eles: os materiais, os utensílios e as vestimentas esportivas; a própria assistência esportiva midiaticizada; além de todos os outros segmentos comerciais que acabam por se envolver com a capacidade publicitária do esporte.

Podemos destacar, entre esses infindáveis exemplos de oferta do campo esportivo, a personificação dos atletas, dos ídolos esportivos. Sabendo-se que as ofertas devem estar predispostas a atender às demandas sociais dos sujeitos, ainda como os autores citados apresentam como aspectos motivacionais para a relação de oferta/demanda: a família; o técnico/treinador/professor; a mídia televisiva; e o espetáculo esportivo propriamente dito (CANAN; CALEGARI, 2006).

Portanto, os sujeitos da pesquisa apresentaram-se, de certa maneira, como “mais uma” das “vítimas” das estratégias da mídia esportiva. A naturalização e a “intimidade” dos sujeitos para com os ídolos esportivos retratam a eficácia da construção e a utilização dos ídolos esportivos por parte da mídia, principalmente nos seus interesses comerciais e mercadológicos.

O segundo eixo, “*A técnica esportiva x rendimento*”, foi analisado a partir do conceito da “técnica corporal humana”. A técnica corporal humana é uma temática já muito discutida no campo da EF, seja em sua dimensão mais biológica, biomecânica, ou mesmo, como vemos mais intensamente nos últimos anos, em sua dimensão sócio-histórico-cultural, mas muito pela forte relação que a prática esportiva tem com a técnica.

Essa relação entre a prática do esporte ligada ao rendimento humano e a técnica corporal foi discutida e problematizada na pesquisa a partir do conceito do antropólogo francês Marcel Mauss, tratado por Daolio (2003), as “técnicas corporais”, vislumbradas e pensadas no viés da concepção crítico-emancipatória de Kunz (2000), a partir do “se-movimentar” humano.

Relação da Educação Física com o esporte e especificamente com a técnica que é indefinida, muito pelo que Daolio (2003) comenta a partir do conceito de “técnicas corporais” do antropólogo francês Marcel Mauss:

A educação física sempre buscou e exigiu de seus alunos a eficiência, quer seja ela biomecânica, fisiológica, ou em nível de rendimento esportivo. Ao buscar essa eficiência, desconsiderou a eficácia simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos lidam, culturalmente, com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Eficácia que pode, algumas vezes, não funcionar em termos biomecânicos,

fisiológicos ou de rendimento esportivo, mas que é a forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais. Falar em eficiência implica pensar no fim, no resultado, no produto final. Falar em eficácia simbólica implica considerar o processo, o meio. (DAOLIO, 2003, p. 78).

Os sujeitos são verdadeiramente tratados como máquinas capazes de “trabalhar” com eficiência e perfeição, produzindo um bom rendimento, se possível, um alto rendimento e, conseqüentemente, o espetáculo esportivo. Kunz (2000) comenta sobre o acompanhamento que existe nos dias de hoje do esporte com o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade moderna e industrial. Tal companhia que,

[...] segundo o modelo organizacional do trabalho técnico-instrumental que caracteriza o esporte espetáculo, a competência desenvolvida não é apenas medida pelo domínio de uma modalidade esportiva ou pelo rendimento apresentado. Significa, acima de tudo, que o participante se sujeita a uma série de medidas organizacionais, de controle e de trabalho tão intenso, que o mesmo deve renunciar a uma vida social normal. (KUNZ, 2000, p. 71).

A supervalorização contemporânea da eficiência das técnicas e de todos os outros aspectos que permeiam o universo da sociedade advém, exatamente, da caracterização da sociedade moderna e, conseqüentemente, do esporte moderno. A sociedade capitalista e industrial, em que o rendimento é a chave motora de todo o sistema funcional, permeou e apropriou-se do esporte como instituição social, caracterizando na modernidade o rendimento do trabalhador, a velocidade da produção, a quantidade produzida e a qualidade perfeccionista do produto, todos esses são aspectos que representam a apropriação pela qual o esporte passou.

No contexto da pesquisa, foi a subversão dos valores simbólicos da técnica corporal singular dos sujeitos provocada pela hegemonia do esporte de rendimento frente ao esporte escolar a pauta da principal discussão nesse segundo eixo temático, o que foi retratado na fala de um dos sujeitos após uma aula:

*A competição é boa para o esporte, mas não precisa passar por cima um do outro.
(ALUNO 5).*

Um dado percebido foi a possibilidade dessa singularidade da técnica corporal de cada sujeito. Como a intenção da intervenção, desde o início, era de tratar do esporte a partir de um conhecimento teórico acerca do fenômeno esportivo na modernidade em momentos principalmente de aulas práticas em quadra com modalidades esportivas, o gesto técnico esportivo (correto/errado), em nenhum momento, foi o foco da intervenção e da pesquisa.

Entretanto, até que ponto a capacidade técnica esportiva dos alunos é influente no desenvolvimento de um trabalho com esporte na EF escolar? Como tratar do ensino das modalidades esportivas sem considerar aquilo que caracteriza o esporte, que é o gesto esportivo e as suas *técnicas*?

Daolio e Velozo (2008) contextualizam o sentido tradicional em que a EF trata da técnica como algo “reduzido, fragmentado, mecanizado e racionalizado. A técnica tem sido vista tradicionalmente no ensino dos esportes por um viés estritamente mecanicista, no sentido de um meio que seja o mais eficiente para se realizar determinada ação” (p. 12).

Será que não estaria a EF precipitada ao se preocupar estritamente com o resultado das ações dos sujeitos? E o processo em que se constitui a ação - o movimento e a técnica corporal dos sujeitos - não representa nada? Não tem nenhuma validade e significado educacional no processo de ensino-aprendizagem?

Durante as intervenções, alguns alunos apresentavam diversas dificuldades técnicas nos movimentos específicos dos esportes que foram praticados, como basquete, voleibol, atletismo, porém a forma, a singularidade, a subjetividade e a naturalidade na execução dos movimentos demonstravam-se muito importantes para os sujeitos. Principalmente, aqueles que não conseguiam executar o gesto técnico tido como o “correto” ou “perfeito” para determinada prática esportiva. Essa “inferioridade” técnica faz, especificamente, esses alunos refletirem de forma interessante acerca da disputa e da competição no esporte, o que demonstra que o discurso hegemônico do esporte de rendimento não é uma regra entre todos os sujeitos.

Essa mecanização do movimento humano através da técnica corporal encaminha possivelmente para o que Adorno (*apud* VAZ, 2001, p. 91) denomina de “fetichização da técnica, seu caráter sinistro de ganhar, como que por obra de um feitiço, vida própria em relação aos seres humanos”. É a sobreposição do gesto técnico sobre a subjetividade do ser humano.

Durante uma das intervenções da pesquisa, os alunos executaram a prática com muito afincamento e determinação para vencer a pequena disputa que existia na atividade proposta. Foi o caso da “corrida cronometrada”. Alguns alunos terminaram a atividade extremamente ofegantes, demonstrando terem chegado até o limite dos seus corpos. Por fim, afirmaram que a competição não tem sentido sem um concorrente direto participando. Fica, nesse caso, a pergunta, será que os sujeitos conhecem os limites dos seus corpos? Será que o rendimento é algo inerente ao ser humano ou é uma construção processual da sociedade?

Entretanto, o posicionamento que se faz da técnica esportiva no âmbito escolar da Educação Física e na esfera educacional do esporte é que antes de tudo se necessita redimensionar o esporte de rendimento dentro do processo educativo.

“Neste sentido, importa menos aquilo que o esporte rendimento é na sociedade e muito mais [...] o que fazemos com ele no processo educacional” (TAFFAREL *apud* LOVISOLO, 2001, p. 110).

Destaca-se a necessidade de cada um de nós, de acordo com nossa origem, com nosso meio, nossa condição socioeconômica, nossas condições culturais, termos nossa própria técnica. A partir de uma visão ampliada do que somos, de onde estamos, de onde viemos, do que fazemos, do que temos e do que produzimos, percebermos e contextualizarmos a nossa posição dentro do contexto social de forma genérica.

Totalidade que remete à necessidade de destacar o equilíbrio que deve existir entre o trabalho com a técnica corporal e o gesto técnico esportivo diante do aspecto competitivo no trato com o esporte na escola. Até porque, conforme argumentam Daolio e Velozo (2008, p. 15): “a pedagogia do esporte precisa refutar o modelo meramente instrumental da técnica e recuperar a dimensão simbólica inerente às práticas tradicionais humanas”.

Os reflexos desta pesquisa apontam para uma formação esportiva escolar com liberdade de construção técnica por parte dos sujeitos; os educandos, como autores e atores do seu próprio gesto técnico, valorizando, assim, a criatividade e singularidade do aluno, não deixando de lado a consciência do gesto técnico específico consagrado no viés do alto rendimento, porém com as devidas precauções e prevenções para uma não padronização e não coerção da dimensão simbólica da técnica corporal tradicional dos seres. Essa é a busca pelo ponto de equilíbrio entre as duas dimensões na formação dos sujeitos, talvez o desenvolvimento teórico e crítico acompanhado do aprendizado da técnica seja o melhor caminho para a questão.

A competição é algo inerente à prática esportiva, seja ela educacional ou de lazer. Porém o que tem de ser destacado é a técnica empírica corporal que representa a eficácia simbólica dos sujeitos, entendendo o distanciamento e a aproximação que cada um desses aspectos ligados ao fenômeno esportivo no trato com o esporte na escola deve ter. A técnica ligada ao sujeito principal do contexto: o educando. A competição relacionada diretamente ao processo histórico e cultural do conteúdo em pauta na EF escolar: o esporte. Isso tudo fica exposto na pesquisa quando os alunos ressaltam a importância da competição, da disputa direta com os colegas de uma forma bem natural e espontânea.

Perde-se muito a motivação da competição quando não tem o adversário correndo lado a lado. (ALUNO 12)

Realmente não tem 'graça' correr se não tiver ninguém para competir, ou então se a diferença de habilidade e de capacidade for muito diferente. (ALUNO 13)

A competição, a disputa é o estimulante. (ALUNO 14)

O terceiro e último eixo, “*A monocultura esportiva promovendo o afastamento dos gêneros*”, permite-nos discutir acerca de como o esporte se manifesta no campo escolar dentro do contexto cultural dos alunos, além de uma análise sobre as problemáticas do gênero quando se observa o trato com o esporte no ambiente escolar.

A construção cultural esportiva do Brasil acontece muito a partir das veiculações e da disseminação do que se constituiu socialmente e foi nomeado por Betti (1998) como “o esporte telespetáculo”. Positivamente, o desenvolvimento social, político e econômico que o esporte alcançou com o passar do tempo nessa associação com a mídia televisiva é algo inquestionável e suspeito de qualquer crítica, não fossem as estratégias persuasivas utilizadas pelos meios de comunicação em seus discursos. Discursos esses que são permeados por interesses econômicos (sem deixarem de ser ideológicos e mercadológicos!), que acabam por desencadear algumas características citadas por Betti (1998; 2002) como “a polissemia esportiva” e “a monocultura esportiva”. Características discursivas da mídia televisiva que implica direta e fortemente no contexto cultural esportivo da sociedade e, especificamente, na EF escolar.

Durante as intervenções, apareceu de maneira muito forte como a monocultura esportiva está representada no âmbito escolar. Mesmo com a confirmação da professora da turma de ter trabalhado o conteúdo de outras modalidades esportivas – o basquete – que não as mais veiculadas na mídia nacional atualmente, como o futebol e o vôlei, durante uma unidade de ensino, os alunos solicitavam, em vários momentos durante a sequência de aulas, a prática de futsal e de vôlei.

Ah! Então quem quiser joga futsal de um lado e do outro quem quiser joga vôlei, num é professor? (ALUNO 11).

Outros momentos da pesquisa que enaltecem essa monocultura esportiva construída e influenciada pelo discurso midiático foram as inúmeras vezes em que os sujeitos citaram os nomes de estrelas do futebol mundial e do voleibol brasileiro, como *Messi, Cristiano Ronaldo, Kaká, Murilo e Jaqueline* (os dois últimos, do vôlei).

Portanto, diante das situações ocorridas durante as intervenções e apresentadas acima, poderíamos fazer a seguinte reflexão: será que a EF escolar não estaria como vítima indefensável da monocultura esportiva promovida e disseminada pela mídia? Fazemos tal questionamento por pensarmos e visualizarmos que a EF escolar tem ferramentas concretas de “defesa” contra as estratégias da mídia, que são os seus conteúdos específicos e o projeto político-pedagógico da escola como espaços de legitimação e força da área, além da possibilidade de mediação da EF escolar através do esporte, da própria mídia e da sociedade. Greco (2002), a partir de uma proposta de “jogos esportivos coletivos”, argumenta que:

No entanto, torna-se necessária uma proposta pedagógica racional, coerente que oportunize a prática esportiva, como forma de apropriação do conhecimento inerente à cultura corporal de movimento, especificamente relacionada com os jogos esportivos coletivos. Essa proposta deveria contemplar as numerosas modalidades esportivas, evitando as superposições, as massificações, e principalmente as especificidades, e a especialização precoce, como a monocultura esportiva. (GRECO, 2002, p. 2).

Contudo, significa dizer que, por mais que a mídia se utilize das suas estratégias mercadológicas no trato com o esporte, disseminando-o hegemonicamente de forma unitária e específica, a EF escolar possui evidentes possibilidades de subverter o encaminhamento direcionado pela mídia para uma formação esportiva escolar mais ampla e com uma maior diversidade de conhecimento de modalidades esportivas.

Ampliação de conhecimento que se mostrou, durante a pesquisa, muito necessária também como possibilidade de interlocução para uma luz minimizadora da problemática do gênero nas aulas de EF. Nos momentos em que os alunos imploravam pela prática do futsal e do vôlei durante as aulas, as solicitações sempre eram feitas separadamente, os meninos com a bola de futsal em mãos e as meninas com a bola de vôlei, deixando evidente como as práticas esportivas eram direcionadas de acordo com o gênero do sujeito. Gênero que, aqui, conceituamos a partir do que Goellner (2010, p.75) entende, que é

[...] a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele. (GOELLNER, 2010, p. 75)

É a desmistificação de alguns ditos populares, ou seja, do senso comum que possibilita a existência dessa alteridade entre os gêneros (SAYÃO, 2002). Ou então, a saída é a EF buscar na multidisciplinaridade, especificamente na Antropologia, a solução para a dificuldade histórica em lidar com as diferenças (DAOLIO, 2003).

A EF, por si só, não tem capacidade teórico-conceitual para compreender e subverter as problemáticas sociais de gênero e da monocultura esportiva. Os campos da Educação, da Comunicação Social, da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia são universos científicos que podem abrir essa possibilidade educacional para a EF com diversas colaborações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – EM BUSCA DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

A pesquisa e as intervenções escolares, principalmente, promoveram uma boa gama de reflexões, discussões e possibilidades em prol do que se apresentou como problema a ser investigado e objetivo geral do trabalho. Destacamos, dentre outros aspectos, a importância e a centralidade do papel do professor como sujeito da ação pedagógica.

Considerando a prática pedagógica de ensino-aprendizagem de forma genérica, e não só relacionada e direcionada ao esporte, destacamos a necessidade da apropriação do conteúdo e da capacidade perceptiva e reflexiva por parte do professor. Essa afirmação pode parecer redundante e óbvia, tanto para a EF como para a educação em geral, pela imensidão de afirmativas com esse teor em trabalhos científicos de ambas as áreas durante o passar dos anos. Porém, está instaurada nesse primeiro aspecto considerado, a chave para o que visualizamos ser a porta de abertura para a efetiva pedagogização do esporte.

Conforme é discutido durante o trabalho, está posto e claro que o esporte na atualidade possui características e particularidades muito específicas e minuciosas, assim conforme Bracht (1997) o trata como “instituição social”. Portanto, lidar com o fenômeno esportivo em qualquer que seja a esfera social e a finalidade a que se destina – comercial, espetacularizado, educacional, lazer, saúde, entre tantos outros que ratificam sua “polissemia” – implica conhecê-lo com afinco, ou seja, apropriar-se do esporte, além de desviá-lo um olhar sempre atento, reflexivo e crítico para não ser pego por algumas das suas “armadilhas”.

Contudo, conhecer, apropriar-se e refletir criticamente o esporte não significa saber praticá-lo ou então ter conhecimento das suas regras, técnicas e táticas. Requer, por exemplo, o conhecimento de aspectos históricos, sociológicos, antropológicos e políticos que permeiam o universo esportivo.

Diante desse entendimento generalizado da necessidade de aproximação com outros campos do conhecimento, principalmente, campos das Ciências Humanas e Sociais, surge a compreensão da essencialidade que três temas (mídia esportiva, técnicas esportivas e monocultura esportiva), que circundam, configuram e interagem com o fenômeno esportivo, têm no trato com o esporte na escola. São eles: a mídia e as suas estratégias discursivas; a técnica corporal; e a (mono)cultura esportiva. As três temáticas, não de forma aleatória e descompromissada, foram destacadas como pautas de discussão da pesquisa. Todos os três temas apareceram de forma contundente, interdependente e objetivamente durante o processo didático-pedagógico que resultou na pesquisa.

A consideração que fazemos aqui relacionada à mídia no processo pedagógico do esporte condiz com o tratamento do segundo como objeto que é permeado e influenciado pelo primeiro. O que colocamos como possibilidade é a utilização das estratégias e dos caminhos que a mídia promove corriqueiramente em seus discursos como necessidade ao tratar o esporte com os educandos. Claramente, a mídia é/está presente na vida contemporânea dos sujeitos e inegavelmente os discursos diários apresentados pelo universo midiático são a principal base informativa/formativa das pessoas na sociedade. Principalmente no que diz respeito ao universo esportivo, é a partir da mídia que hoje a maioria dos sujeitos se relaciona com alguns tipos de práticas esportivas, mesmo sem praticá-los.

Porém, afirmamos ser necessário o trato da presença do discurso midiático no trabalho pedagógico com o esporte, com a ressalva do que foi anunciado ao iniciar essas considerações finais, considerando a apropriação teórica dos conceitos e as discussões acerca da temática com o viés do olhar atento e crítico. É necessário da mesma forma o cuidado no momento da utilização, para não adotar, simplesmente, os discursos da mídia, pois, tendo sido discutidos anteriormente, são discursos cerceados de interesses políticos, ideológicos e, principalmente, mercadológicos.

A segunda temática que destacamos como possibilidade de percurso pedagógico para o esporte na escola é a discussão da técnica corporal. Durante as intervenções da pesquisa, foi o ponto que mais se teve dificuldade de situar como possibilidade didático-pedagógica no processo de ensino-aprendizagem do esporte, devido à dicotomia existente que aparecia durante as aulas do gesto técnico especializado, “perfeito/correto” *versus* o gesto técnico simbólico, singular, pessoal.

Após reflexões e discussões teóricas posteriores, visualizamos exatamente nessa dicotomia (técnico específica x técnico simbólica) a principal possibilidade pedagógica para o esporte. A existência e, ainda mais, a presença da técnica esportiva específica no trato com

qualquer prática esportiva é inegável e inevitável. É uma das principais características que configuram a formulação do esporte, é o seu gesto técnico. Entretanto, o gesto técnico esportivo especializado não é algo de execução fácil e é muito restrito a um público seletivo de pessoas que possuem determinadas destrezas e habilidades motoras desenvolvidas, mas o gesto técnico simbólico é inerente a todos os seres humanos, é singular e subjetivo.

Sobretudo, o tratamento técnico que defendemos como perspectiva no trato pedagógico com o esporte é pertinente a partir de um ponto de equilíbrio entre a especificidade e a singularidade técnica. Equilíbrio esse que entendemos ser possível no processo de ensino-aprendizagem na instância relacional professor-aluno. A relação hierárquica de cobrança, que se tornou tradicional no campo da Educação Física escolar como treinamento esportivo, promove a necessidade da especialização do gesto técnico. O relacionamento pode acontecer de forma horizontal, nivelando o patamar professor-aluno, conseqüentemente, valorizando a subjetividade de cada sujeito envolvido e, assim, possibilitando o desenvolvimento do gesto técnico simbólico singular, promovendo ao educando a apropriação técnica e conceitual do esporte (não desconsideramos a verticalidade da autoridade do conhecimento do professor na sua relação com sua turma, com seus alunos).

O terceiro e último tema específico que elencamos em prol da pedagogização do esporte é a cultura esportiva, ou melhor, a subversão da monocultura esportiva. Como afirmado anteriormente, a cultura esportiva hoje é formatada e disseminada basicamente pelo que a mídia quer e veicula. Apesar disso, vemos nessa problemática relação esporte-mídia, a qual constitui a cultura esportiva, a possibilidade de entendimento, compreensão e ressignificação pedagógica para o esporte na escola.

Conscientes do restrito posicionamento do discurso midiático-esportivo em prol da difusão de uma monocultura esportiva, pensamos a Educação Física como espaço com a maior possibilidade de realização e disseminação de uma pluralidade esportiva. Assim, conforme Vago (1996) contextualiza a construção de uma cultura escolar do esporte, acreditamos ser possível para o campo da Educação Física resgatar, principalmente, aspectos históricos e tradicionais que colaboram para uma ampliação e diversificação de práticas corporais esportivas. Isso poderia ser feito, por exemplo, com o resgate e sua devida contextualização dos movimentos atléticos (as modalidades que compõem o atletismo), ou até mesmo as possibilidades com os movimentos ginásticos europeus.

Pluralidade esportiva que abre a possibilidade de erradicação de determinados preconceitos e discriminações que ainda permeiam o universo da Educação Física escolar, como o problema dicotômico do gênero humano. Ampliando a disseminação de variadas

modalidades esportivas, encaminha-se essa especificação da monocultura esportiva, que é feita social/culturalmente para determinado gênero, garantindo um leque maior de opções de práticas esportivas mais conhecidas no contexto social.

A determinação desses três temas considerados e discutidos até aqui é resultado da percepção na pesquisa da principal característica do fenômeno esportivo que permeia e interfere no trabalho com o esporte na escola: a hegemonia social do esporte de rendimento. Tanto as discussões do universo midiático, como a questão da técnica corporal especializada e simbólica, quanto o posicionamento da cultura esportiva são aspectos totalmente envolvidos pela capacidade hegemônica do esporte de rendimento na sociedade moderna.

Destarte, consideramos que a EF é um campo de atuação e uma área acadêmico-científica que “acordou” para a sua especificidade pedagógica há muito pouco tempo, poderíamos situar a década de 1980 como marco inicial para tal fenômeno. Além dessa “sonolência”, que agora, após trinta anos, começa a realmente despertar, o campo da EF está lidando com um dos maiores fenômenos sociais da contemporaneidade, o esporte (e suas possibilidades transversais, ao se relacionar com “corpo”, com “*performance*”, com “saúde”, com “cultura”, etc.).

Portanto, a busca por tal pedagogização do esporte não é tarefa fácil e muito menos diretiva da EF e dos seus professores, apenas. No entanto, acreditamos que, se começarmos a **veicular o nosso discurso esportivo e a singularizarmos** a prática corporal esportiva dos sujeitos envolvidos e, conseqüentemente, **difundirmos e disseminarmos** o conhecimento plural esportivo que temos, teremos, a partir disso, alguns pressupostos já bem definidos, inclusive academicamente para seguir nesse **processo da pedagogização do esporte**.

No entanto, a possível pedagogização do esporte efetiva-se, caso a Educação Física continue ampliando seu campo científico, adentrando universos disciplinares como os da Comunicação Social, das Ciências Sociais, da Antropologia, mas não só no âmbito científico, necessita também o campo de atuação adotar o hábito da interdisciplinaridade. A Educação Física precisa começar a veicular o próprio discurso esportivo, e não reproduzir o discurso midiático, tal possibilidade não está longe, nem no imaginário, muito já vem sendo pesquisado sobre Mídia-Educação (FANTIN, 2006), conceito que abre portas para formas de utilizar, apropriar-se e produzir sobre a mídia e as tecnologias de informação e comunicação.

A técnica esportiva há muito já está sendo estudada e desenvolvida cientificamente para cada vez mais aperfeiçoá-la, porém a prática corporal do ser humano é singular e possui significados restritos a cada sujeito. A Educação Física escolar, como disciplina e componente curricular, tem que ter a capacidade de fazer a mediação entre os universos do campo

esportivo do rendimento, em que a técnica é apurada e “perfeita”, e o campo esportivo escolar, no qual o sujeito e o processo do gesto técnico são os mais importantes.

Por fim, a Educação Física escolar e o seu corpo docente têm na mídia – muitas vezes interpretada como vilã da Educação Física – a possibilidade de erradicar algumas de suas principais problemáticas tradicionais no campo de atuação: a monocultura esportiva e o gênero. É imensa a quantidade de modalidades esportivas existentes e praticadas no mundo hoje, porém a Educação Física e o seu magistério acomodaram-se em tratar na escola as modalidades tradicionais com justificativas de não ter conhecimento de outras, de não haver material e não haver espaço adequado. Entende-se, sim, que o material e o espaço são questões realmente relevantes, mas o que pensamos é que, existindo o conhecimento básico, os dois primeiros empecilhos podem ser facilmente resolvidos. A mídia, por meio da televisão e hoje principalmente via internet, proporciona uma enorme possibilidade de conhecer e apropriar-se de qualquer assunto e conteúdo, com isso, qualquer professor de Educação Física escolar pode buscar informação e conhecimento técnico-instrumental de qualquer modalidade esportiva praticada em qualquer canto do mundo.

A pedagogização do esporte está muito ligada ao/à entrelaçamento/interlocução do campo da Educação Física com o campo da mídia. Resta agora continuar atento a essa relação esporte/mídia/Educação Física e buscar cada vez mais concretizar as possibilidades de efetivação de uma pedagogia do esporte.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. *Esporte na mídia ou esporte da mídia?* **Motrivivência**, Florianópolis, ano XII, n.17, 2002.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

CANAN, F.; CALEGARI, D. R. Fatores determinantes para relação oferta/demanda no campo esportivo. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XVIII, n. 27, p. 33-48, dez. 2006.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, Goiânia, 11/1, p. 9-16, jan./jul. 2008.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RCBCE**, Campinas, p.71-83, mar. 2010.

GRECO, J. P. **O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: uma análise inter e transdisciplinar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/pablo/arquivos/Temas%20Atuais/temas7.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2000.

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. Porto Alegre: **Movimento**, v. 7, n. 15, p. 107-117, 2001.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 02, p. 124-136, 2º sem. 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIRES, G. L. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SAYÃO, D. T. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esportes e Lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, ano XIII, n. 19, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/959/737>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

SOARES et al. **Metodologia do ensino da educação física**. Campinas: Autores Associados, 1992.

VAGO, T. M. O “Esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Movimento**, Porto Alegre, ano III, n. 5, 1996.

VAZ, A. F. Técnica, esporte, rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 87-99, 2001.